



Mundaréu

Série Conexão

Episódio #3 - SIMULAÇÃO: Cronicamente online

Roteiro: Irene do Planalto Chemin, Raylane Souza de Moura e Veronica Martins da Silva

Audiodescrição das músicas: Veronica Martins da Silva

Revisão da transcrição: Irene do Planalto Chemin

Legenda:

Blocos

Trilha sonora

Bloco 1: Apresentação

[Música tema “Conexão Ancestral”: trilha sonora com forte influência do hip hop e do funk periférico. Batida grave, seguida por um baixo eletrônico pulsante. Estalos secos e rítmicos que marcam os momentos da música e mantêm a energia constante. Ao fundo, sintetizadores sutis preenchem o espaço com camadas eletrônicas minimalistas. A música inicia em evidência e depois fica ao fundo das primeiras falas do episódio]

[Sons de digitação no celular, notificações de mensagens e início e fim de áudios no Whatsapp]

VERONICA: Oie, tá online? Jajá começa nossa entrevista pro episódio do podcast, só que hoje vamos conversar tudo por áudio no Whatsapp. Eu já enviei minha pergunta lá no grupo, e você?

[notificação]

RAYLANE: Ai, ainda não, vai ser online mesmo né? Jajá eu entro...

[notificação]

VERONICA: Quanto tempo você tá aí rolando a tela? Sai desse tiktok um pouco.

[notificação]

RAYLANE: Ai nossa, nem deve ter sido tanto tempo assim... Peraí, vou ver aqui quanto

tempo de tela...

[notificação]

VERONICA: Também vou olhar o meu

[notificação]

RAYLANE: Nossa, 5 horas hoje? Nem percebi quanto tempo passou...

[notificação]

VERONICA: Então, minha média semanal tá dando duas horas e meia, somando todos os apps... A gente passa tanto tempo nas redes sociais que meio que criamos um universo próprio de piadas, jeitos de ser e sentir, né?

[notificação]

RAYLANE: É, apesar do mundo na internet não ser separado do mundo físico, as experiências são diferentes. Por exemplo, os perfis que criamos no Tiktok ou no Insta, não são exatamente quem nós somos, são mais como uma simulação [efeito sonoro de poder mágico e tecnológico]

VERONICA: O tempo passa diferente, nossa imagem é alterada com filtros, podemos [áudio acelera a velocidade] acelerar ou [áudio diminui a velocidade] diminuir a velocidade de um vídeo, áudio, editar, cortar... [som de tesoura cortando] Não é por falsidade, mas é porque as redes sociais meio que exigem isso da gente.

RAYLANE: E mesmo sabendo que estamos em uma simulação [efeito sonoro de poder mágico e tecnológico], a gente continua, porque a gente se vê, se diverte, se sente incluído. E, às vezes, a gente se perde.

VERONICA: Será que a gente tá igual aquele meme do cronicamente online? Sabe?

VOZ DA GOOGLE: Quando vc é a única pessoa cronicamente online do rolê.

RAYLANE: Então, o nosso episódio hoje vai falar sobre isso.

[efeito sonoro de desenho animado, como uma escadinha subindo aguda e depois uma batida grave]

[Música tema “Conexão Ancestral”: trilha sonora com forte influência do hip hop e do funk periférico. Batida grave, seguida por um baixo eletrônico pulsante. Estalos secos e rítmicos que marcam os momentos da música e mantêm a energia constante. Ao fundo, sintetizadores sutis preenchem o espaço com camadas eletrônicas minimalistas.]

VERONICA: Eu sou a Veronica, tenho 18 anos, sou uma mulher parda, de estatura alta e cabelo cacheado comprido, tô quase completando o ensino médio e minha matéria preferida é Inglês. Sou uma das pesquisadoras do Projeto de Iniciação Científica Nível Ensino médio, vinculado ao Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Unicamp.

RAYLANE: E eu sou a Raylane, tenho 16 anos, sou uma garota de pele parda, com os cabelos escuros, longos e lisos, estatura média. Eu tô no 2º ano do ensino médio e minha matéria favorita é Português. Também sou uma das pesquisadoras de Iniciação Científica do projeto, e você tá escutando o terceiro episódio da série Conexão [efeito sonoro de choque e de plug-in], do podcast Mundaréu.

Bloco 2: Cronicamente online

VERONICA: Você talvez já tenha ouvido falar desse termo “cronicamente online”.

[Tiktok @danielmmota22: Memes que se você entende, conhece ou sabe a origem, provavelmente você é uma pessoa cronicamente online]

VERONICA: Apesar de ser meme, tem gente pesquisando o que as pessoas consideram como cronicamente online, quais são as características e reflexos disso nos jovens.

RAYLANE: Uma dessas pessoas é Bianca Cavichioli, cientista social e mestranda em Divulgação Científica e Cultural no Labjor.

[Sons de digitação no celular, notificações de mensagens e início e fim de áudios no Whatsapp]

BIANCA: Oi gente, tudo bem? Perdão pela demora para mandar as respostas. Sou uma negação, mas eu tenho evitado ativamente tecnologias, o que é engraçado, né?

[notificações]

VERONICA: Ironicamente, a nossa entrevista pra esse episódio aconteceu totalmente online, no grupo de Whatsapp. E a gente conseguiu trocar um papo muito legal e conhecer Bianca e sua pesquisa.

[notificação]

BIANCA: Eu sou uma pessoa ruiva, altura um tanto quanto mediana, fui designada mulher ao nascer e me apresento de maneira tanto quanto feminina pendendo pro andrógino, eu tenho muitas sardas, muitas tatuagens nos braços e uso óculos. Sou uma pessoa branca.

[notificação]

VERONICA: Matéria preferida no ensino médio?

[notificação]

BIANCA: Eu fiz o técnico integrado ao médio. Meu técnico era informática e eu não era não era um grande fã da informática na época dos estudos. Eu gostava muito da disciplina de artes no primeiro ano.

[notificação]

RAYLANE: Pedimos pra Bianca nos contar o que ela compreende como cronicamente online.

BIANCA: Pessoas cronicamente online são pessoas que são consideradas aquelas que estão muito tempo dentro da internet. São pessoas que passam tanto tempo usando celular, computador ou até outros dispositivos que os conectem à internet que passam a ter sua maneira de se expressar, sua maneira de, às vezes, pensar ou até de sentir: sentir desde sentimentos até o próprio corpo. Tem tudo isso afetado pela internet, pela tecnologia. E nesse discurso a gente também viu que existe aí a percepção de que as pessoas são afetadas, mas isso não é sempre necessariamente algo bom, nem sempre necessariamente algo ruim. O discurso varia muito entre bom e ruim.

RAYLANE: A pesquisa de Bianca está focada nos discursos, nas formas que as pessoas na Internet tentam explicar as características de ser cronicamente online.

BIANCA: É... sobre o que é ser cronicamente online, qual é a construção narrativo-social que a comunidade faz desse termo no TikTok, no Twitter, na internet, no geral. Uma construção que várias pessoas foram fazendo junto através do discurso, através de memes e muitas coisas assim.

VERONICA: Bianca identificou algumas características de ser cronicamente online, e ela vai citar três aqui...

BIANCA: Sobre as categorias, nós temos: distância da realidade [som de moedinha do Super Mario], experiência compartilhada [som de moedinha do Super Mario]. E a terceira, a gente chamou de estética digital [som de moedinha do Super Mario].

RAYLANE: Você que tá nos escutando, vai vendo se você se identifica com alguma das situações que Bianca vai contar pra gente. No final, deixa nos comentários se você acha que é cronicamente online ou não [risonha].

VERONICA: A primeira categoria é distância da realidade [efeito sonoro de checklist], com um tom pejorativo que diz que a pessoa fica tanto na internet que tá fora do, entre aspas, mundo real, sabe?

BIANCA: É, distância da realidade, o discurso que se aproxima mais do tom pejorativo, que coloca o cronicamente online como uma coisa ruim, uma coisa que afeta a saúde das pessoas, afeta a capacidade delas de conviver em sociedade de maneira produtiva, sabe? Então nesse sentido total pejorativo... [efeito sonoro de desenho animado que remete a “decepção”] Mas aí também tem muito do discurso das pessoas nas redes sociais que também, claro, tem visões pejorativas que usam piada tipo: “Nossa, você é muito cronicamente online”. Ou “nossa, você precisa... tocar grama”. Ó eu aqui me assumindo cronicamente online, ó gente [efeito sonoro de flexatone]. Enfim, muita gente faz aquela piada do “you need to touch grass”, sabe?

[Meme: som de vidro quebrando e uma voz grita “Go touch grass, now!”, que significa “vá tocar na grama agora”]

BIANCA: No sentido de você precisa desligar esse celular e ir observar a natureza, sentir a natureza...

[Meme: voz calma fala “natureza né... sagrada né...”]

BIANCA: Ver que existe um mundo aí fora, além da tecnologia.

VERONICA: Você já perdeu a noção da hora ou esqueceu de fazer o dever de casa, de tanto ficar mexendo no celular ou jogando videogame? [Vinheta genérica de videogame] Então.

RAYLANE: Eu já! [efeito sonoro de flexatone] Mas tem outra categoria, vê se você vai se identificar também: é a categoria de experiência compartilhada [efeito sonoro de checklist].

BIANCA: Com experiência compartilhada a gente quis dizer isso do caráter comunitário que o discurso pode assumir. Existe muita gente que fala: “ah, se você entendeu tal piada sobre

alguma banda de rock ou algum jogo, tipo a amor doce [trilha sonora romântica], ou alguma piada sobre LOL... [efeitos sonoros do jogo LOL] Enfim, se você entendeu essa piada, você é muito cronicamente online.”

VERONICA: E se você não entendeu, ou não sabe, o que é amor doce ou LOL [efeito sonoro de desenho animado que remete a decepção], só uma dica: são jogos, ok? Mas voltando...

BIANCA: Tem muitas pessoas que vão postar sobre ser cronicamente online e que daí o discurso é mais ou menos tipo: “ah, eu tava no meu trabalho e aí eu usei determinada expressão, tipo, slay”

[Meme: voz grita “slaaaay!”]

BIANCA: “E daí ninguém do meu trabalho entendeu. Daí eu percebi que não é todo mundo que é cronicamente online” [efeito sonoro de desenho animado que remete a decepção]. Então, aí é uma auto-identificação que essa pessoa tem com essa identidade. Isso não é necessariamente uma coisa ruim, mas sim uma maneira como pessoas identificam outras pessoas que pensem assim como elas.

RAYLANE: Conhecer pessoas que têm interesses em comum com você é super importante e as redes sociais proporcionam isso pra gente, a gente cria comunidades, ou até bolhas...

[Trilha sonora Base de Funk Bolha Levada, produzida por DJ Criolo]

RAYLANE: Onde ficamos convivendo apenas com pessoas que gostam dos mesmos assuntos. Mas temos que ter equilíbrio, também é importante compartilhar o que fazemos online com pessoas da nossa família e conhecer assuntos que não vêm só pela internet.

VERONICA: E a terceira característica que Bianca apontou foi a estética digital [efeito sonoro de checklist]..

BIANCA: A gente criou o conceito de estética digital que é meio que esse regime, entre aspas, em que a política é diretamente associada com a tecnologia. Como a tecnologia e a política andam de mãos dadas na arte de reger nossa corporalidade, nossa sociabilização e coisas assim.

RAYLANE: Essa terceira característica, da estética digital, é mais filosófica, né? Estética, pras teorias que Bianca estuda, significa a forma como as pessoas percebem o mundo, como as pessoas interagem e até como sentem seus próprios corpos. Então claro que o digital mudou muito nossa forma de ver o mundo, mudou nossa identidade.

VERONICA: Só que identidade não é algo pessoal, que cada pessoa cria sozinha, mas é algo coletivo. Identidade tem a ver com política, com questões sociais e históricas. Geralmente, temos que adequar nossa identidade pra sermos aceitas e produtivas na sociedade.

RAYLANE: Você já parou pra pensar se gosta mesmo de ficar no Tiktok, ou se é levado a fazer isso pelo contexto? Isso te torna mais ou menos produtivo pra sociedade?

VERONICA: Se, para seus professores e talvez família, você se torne meio improdutivo de tanto ficar no celular, esquecendo o dever de casa e enrolando pra ir lavar a louça... Para as empresas ligadas à internet como o Tiktok, você tá sendo produtivo, tá dando dinheiro pra eles [efeito sonoro que remete a dinheiro]. Então, fica meio difícil dizer se você tá fora da realidade ou super dentro da nova realidade no mundo digital.

[Meme: influencer Rayanne fala preocupada "a internet caiu! Não, não!"]

RAYLANE: Mas o que é mais produtivo pra você, pessoa que tá nos escutando? [som de relógio rápido] Pensa nisso e use o tempo a seu favor!

VERONICA: Então, em resumo, as características que Bianca trouxe pra gente mostram que ser cronicamente online envolve uma identidade compartilhada por memes e piadas das redes sociais...

RAYLANE: Envolve um certo julgamento de quem não é cronicamente online e acha que estar na internet é estar fora do mundo...

VERONICA: mas também é um paradoxo político de tipo, estar cronicamente online não é uma escolha nossa, mas o que as empresas nos impulsionam a fazer. É tipo proibir os celulares nas escolas mas obrigarem a gente a usar plataformas online pra aprender, tipo a Sala do Futuro aqui em SP. Mas essa discussão é spoiler do próximo episódio.

[Música tema “Conexão Ancestral”: trilha sonora com forte influência do hip hop e do funk periférico. Batida grave, seguida por um baixo eletrônico pulsante. Estalos secos e rítmicos que marcam os momentos da música e mantêm a energia constante. Ao fundo, sintetizadores sutis preenchem o espaço com camadas eletrônicas minimalistas.]

Bloco 3: Simulação e legislação

VERONICA: Agora, a gente quer conversar sobre essas grandes empresas de tecnologia, que são chamadas de BigTechs, você já deve ter ouvido falar né?

VOZ DA GOOGLE: Aqui estão algumas respostas de quanto é um mais um.

VERONICA: Como a gente tava dizendo, a BigTechs nos impulsionam a estar cada vez mais conectados.

RAYLANE: Nós, que somos jovens, temos que estar com os olhos e ouvidos bem abertos pra perceber que nossa relação com as tecnologias têm que ser de troca, e não de dominação.

BIANCA: Na nossa pesquisa a gente vê a tecnologia como algo que possui agência. Do mesmo jeito que nós como seres humanos possuímos agência sobre, por exemplo, o celular que nós usamos no sentido de abrir aplicativos, digitar mensagens... Os aparelhos tecnológicos também possuem agência sobre nós...

[Meme: Anita vai tirar foto com fã e comenta sobre o celular dela “Já amei que o celular é samsung! Aí ó... (click da foto) Óh!”]

BIANCA: Desde de acordo com o formato que eles possuem, que vai interferir na maneira como a gente segura eles, como a gente se relaciona no sentido prático com eles, até no sentido dos softwares que tem dentro deles, que são os aplicativos que acabam coletando nossos dados e que acabam fazendo sabe-se-lá o quê com os nossos dados...

VERONICA: Bianca trouxe sobre a agência da tecnologia sobre nós, ou seja, como o celular tem ação, e não é apenas um objeto inanimado. No episódio passado falamos sobre algoritmos e acho que deu pra perceber como o celular se comporta, né? Ele nos faz fazer coisas: a forma como seguramos, como rolamos a tela, os conteúdos que chegam pra gente, tudo isso é calculado. **[trilha sonora de suspense, com som que vai intercalando a**

fala de Veronica e trazendo mistério] Tem até gente que fala que as máquinas podem ter desejos...

BIANCA: E que acabam também criando algoritmos para que consigam identificar exatamente o que a gente gosta, o que a gente não gosta, o que a gente quer ver, o que a gente não quer ver. E também decidindo o que eles querem que a gente veja e o que não querem que a gente veja, entrando total num viés específico e mandando isso para todo mundo.

RAYLANE: Quando Bianca fala de um viés específico, ela tá falando sobre bolhas que a gente acaba entrando nas redes sociais, começamos a receber conteúdos que não são verificados e podem até ser mentirosos, como fake news ou desinformação.

[Meme: influencer Larissa, em entrevista no Big Brother, fala “sim, claro, eu joguei várias fake news e joguei verdadeiras também!”]

RAYLANE: É como a simulação que a gente falou antes [efeito sonoro de poder mágico e tecnológico], algo que finge ser verdade, mas não é.

VERONICA: Por isso, é importante que a gente fique atenta e sempre busque confirmar as notícias e outras informações que chegam pra gente pelas redes sociais. Também é bom lembrar que o mundo virtual é cheio de simulações [vários efeitos sonoros de poder mágico e tecnológico, tesouras]: cortes de vídeo, filtros que mudam a cor e o contorno de objetos e corpos, alteração de voz, pessoas fake, vírus de vários tipos. A gente não pode acreditar em tudo que vê.

RAYLANE: Com todas essas simulações, que são questões muito sérias, nós precisamos conhecer as leis que regem a internet, os princípios básicos para todas as pessoas que vão usar redes sociais e outros espaços virtuais. Afinal, a internet não é terra sem lei.

[Trilha sonora de faroeste]

VERONICA: A principal legislação sobre isso aqui no Brasil é o Marco Civil da Internet, que foi implementado em 2014. É uma lei muito importante, referência para vários países no mundo. Vamos voltar a falar com Nina da Hora, cientista da computação que conversamos no episódio anterior. Pedimos pra ela falar um pouco sobre essa e outras leis:

NINA: Olha, nós temos um marco civil da internet que é bem famoso. Então, o Marco Civil startou esse esse lugar do Brasil se posicionar em como gerenciar bem a internet, como entender as questões de anonimização, moderação.

RAYLANE: Só que há 11 anos atrás, quando o Marco Civil foi feito, as redes sociais eram bem diferentes do que são atualmente, tanto suas tecnologias quanto o impacto delas na sociedade.

NINA: O que que alterou de lá para cá: nós tivemos uma iniciativa ali da PL 2630, que é a PL das fake news, né, que foi uma discussão startada para você tentar entender como regular essas plataformas. Antes, essas plataformas eram chamadas de “redes sociais”, porque entendiam que elas só ficavam ali intermediando a comunicação. Então, uma forma de você utilizar as redes sociais e os dados das pessoas e as próprias pessoas como meio para chegar em algum lugar, né, meio com fins políticos e com intenções, é, que não são transparentes. E aí começou a discutir essa regulação.

VERONICA: A PL das Fake News, que é o Projeto de Lei 2.630 de 2020, também é conhecida como Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet. Esse projeto é importante pra responsabilizar as BigTechs de verificar as notícias e tirar do ar conteúdos falsos, bots, que são robôs se fingindo de usuários, entre outras situações que envolvem mentiras online.

[Meme: influenciadora Lexa em programa de televisão fala a palavra “haters” (inimigos) da maneira errada, dizendo: “todas nós somos diariamente vítimas dos chamados ratters, pessoas que nos seguem na internet com o único intuito de nos ofender e encher nossos posts de críticas”]

NINA: Nós temos a PL da inteligência artificial, que é uma proposta de regular a inteligência artificial no Brasil, né? E que a ideia inicial era você tentar regular os algoritmos e as ferramentas que estavam reproduzindo muitos preconceitos.

RAYLANE: A chamada PL da Inteligência Artificial é o Projeto de Lei nº 2.338 de 2023. E também tem outras leis que estão tramitando...

NINA: Tem uma lei super importante que é a do nudez, que é a Lei Carolina Dieckmann, que pode ser que ela seja atualizada por conta da das deep fakes que tem sido feitas de meninas no ensino médio, no ensino fundamental...

VERONICA: Gente, essa questão é bem importante e séria. Então vamos simular uma situação [efeito sonoro de poder mágico e tecnológico]: Imagina que seu celular foi roubado e invadido. Entraram sem pedir, fuçaram suas fotos, copiaram coisas e ainda espalharam por aí. Chato né? Não só chato, isso é CRIME [som de alarme]. Foi por um caso assim que, lá em 2012, criaram a Lei Carolina Dieckmann, que serve pra proteger a sua privacidade digital.

RAYLANE: Agora corta pra 2025 [som de flash no tempo]. A tecnologia evoluiu. Com inteligência artificial, dá pra pegar a foto de alguém e criar um vídeo fake da pessoa fazendo ou falando coisas que ela nunca fez [efeito sonoro tecnológico e tenso]. E tem gente usando isso pra fazer nudes falsos de meninas em escolas. Isso é muito errado, gente. Já pensou acordar e ver sua cara num corpo que não é seu, num vídeo que você nunca gravou?

[Música tema “Ameaça”: a música traz um clima sério e tenso. Som sintético de piano na melodia, com poucos toques que se reverberam em um eco profundo, acompanhado de kalimba que faz a batida constante e leve]

VERONICA: Isso é algo muito sério, é o tipo de coisa que causa vergonha, ansiedade, bullying, crise emocional... E por mais que seja fake, as pessoas acreditam e espalham.

RAYLANE: É por situações assim que estão querendo atualizar a Lei Carolina Dieckmann ou criar novas leis para combater o deepfake. Então, manipulou imagens falsas de alguém com IA? Isso é crime!

VERONICA: Fazer imagens falsas, compartilhar, espalhar em grupo de escola? Isso é muito errado. Mesmo se “for só zoeira”. Não façam isso e, caso veja alguém fazendo ou compartilhando, denuncie. Voltando pra Nina...

NINA: Eu acho que o que o Brasil precisa precisaria agora, urgentemente, é uma regulação ligada a como as imagens estão sendo compartilhadas nas redes e nas plataformas. Porque assim, cresceu muito o movimento de jovens que tão parando de usar essas redes sociais por medo mesmo, do que pode ser feito com as imagens, porque às vezes eles não sabem dessas explicações. O termo de privacidade não nos ajuda a ler isso. Então, acho que existe uma urgência de lidar com essas imagens no digital. [Sons de digitação no celular, notificações de mensagens e início e fim de áudios no Whatsapp] Eu vou falar uma coisa que muita gente não concorda, mas você compartilhar prints, tirar prints, por mais que

a fofoca seja boa, tudo isso gente [risonhe], dependendo do cenário, é um cenário que prejudica muito a vida de outra pessoa. Então acho que esse compartilhamento das imagens nas redes deveria estar sendo uma discussão importante nas plataformas.

RAYLANE: Sim, é urgente refletirmos sobre isso. Não é só para casos extremos como deepfake, mas também para prints de conversas em grupos, que às vezes são espalhadas, informações sensíveis como CPF ou RG, conversas íntimas... O que parece algo inofensivo, um print de conversa, pode ser tirado de contexto e prejudicar a vida de alguém.

VERONICA: Até porque, quando a gente tira uma foto, um print de conversa ou acessa algum site, isso não some, gente. Mesmo que a gente apague do nosso celular, isso tá gravado na memória das plataformas, e toda ação na internet pode ser rastreável [efeito sonoro de poder mágico e tecnológico]. Então fiquem ligados e façam bom uso da internet, sem besteira, hein? [efeito sonoro de desenho animado com notas agudas subindo como em uma escadinha]

NINA: Mas, o que eu vejo do caminho da legislação. Olha, eu acredito nas regulações, mas eu acho que a regulação tem um período diferente do que tá acontecendo no mundo. Então, assim, eu tenho esperança, [som de relógio lento] mas eu sei que é um tempo muito diferente do que a gente tá acostumado na tecnologia. É mais devagar.

Bloco 4: Fechamento

[Som de relógio lento]

RAYLANE: É, o tempo das tecnologias é bem diferente do tempo das legislações, do tempo da escola, do tempo que uma pessoa leva pra crescer e amadurecer.

VERONICA: O tempo também parece uma simulação às vezes, passa mais rápido ou mais devagar dependendo do que a gente tá fazendo. Nesse episódio, por exemplo, passou rapidinho!

[Música tema “Conexão Ancestral”: trilha sonora com forte influência do hip hop e do funk periférico. Batida grave, seguida por um baixo eletrônico pulsante. Estalos secos e rítmicos que marcam os momentos da música e mantêm a energia constante. Ao fundo, sintetizadores sutis preenchem o espaço com camadas eletrônicas minimalistas.]

RAYLANE: Às vezes, a gente acha que tá só passando o tempo, mas na verdade tá alimentando sistemas enormes. As BigTechs criam simulações pra gente viver dentro [efeito sonoro de poder mágico e tecnológico]: feed infinito, filtro bonito, áudio acelerado. Mas e se, no fim das contas, a gente também for só um pedacinho da simulação delas? [Efeito sonoro que remete a alienígenas]

VERONICA: Não sei não, amiga [som de flexatone]. Mas pra quem tá nos ouvindo, agora que você já refletiu online com a gente... que tal conversar com alguém sobre isso offline?

RAYLANE: Então compartilha esse episódio com alguém que também tá com o tempo de tela estourado [efeito sonoro de desenho animado que remete a decepção]. Vai que ajuda, né?

VERONICA: E conta pra gente: Você acha que tá usando as redes sociais... ou que tá sendo usado por elas?

RAYLANE: Fica conectada com a gente nos próximos episódios, vamos rastrear mais poderes tecnológicos e queremos compartilhar tudo com você!

RAYLANE: A série Conexão foi produzida pela pesquisa “Acessos e usos da internet por adolescentes”, vinculada ao Labjor da Unicamp, com apoio do Programa de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio. Participaram do projeto e apresentaram os episódios: Geovana Luna dos Santos, Kauan Alves da Silveira Aristides, Raylane Souza, Samara Lopes de Oliveira e Veronica Martins Da Silva. A Irene do Planalto Chemin fez a coordenação da série. A Daniela Mânica, Clarissa Reche e Fernanda Mariá colaboraram na produção. Agradecemos todas elas. Você pode acessar mais informações em: mundareu.labjor.unicamp.br